



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

UM BRADO NACIONALISTA NAS VÉSPERAS DE 1580.

BASTO, A. de Magalhães

Ano: 1940 | Número: 50a

Como citar este documento:

BASTO, A. de Magalhães, Um Brado nacionalista nas vésperas de 1580. *Revista de Guimarães*, Volume especial comemorativo dos Centenários da Fundação e da Restauração de Portugal, 1940, p. 97-106.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

II
PARTE

UM : BRADO : NACIONALISTA NAS : VÉSPERAS : DE : 1580

PELO DR. A. DE MAGALHÃES BASTO

CHEFE DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DO PÓRTO
E DIRECTOR DO ARQUIVO DISTRITAL



O momento em que Portugal comemora jubilosamente o duplo Centenário da sua Fundação e da sua Restauração, desaguisado não será lembrar os esforços nacionalistas daqueles Portuguezes que nas vésperas de 1580 tentaram abrir os olhos aos que não viam ou não queriam ver o futuro negro de miséria, de opróbrio, de cativo, que os esperava.

É justo que se recordem os que deram ou restituíram a Portugal a liberdade; mas também não devem esquecer-se as tentativas meritorias daqueles que pretenderam insuflar coragem aos tíbios e amor da Pátria e da liberdade aos

cegos que se deixavam embalar com promessas, tentadoras mas fementidas, do Castelhana ou de seus agentes.

Já em 1899, na *Revue Hispanique*, a Senhora Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos notou o interesse que, sob esse particular aspecto, oferece o Ms. 609 (ou 63 do Fundo Azevedo) da Biblioteca Pública Municipal do Pôrto (1). No seu trabalho

(1) No verso da capa desse Códice, na margem superior, lê-se: — «*Este cartapacio he de meo pai o Snr. D.º Esteves da veiga escrito de sua letra (a) Estevão de Nápoles*». Mais abaixo outra mão anotou: — «*Agora he do Barão de Prime. q o comprou a Dionizjo de Souza do Loureiro, cujo comprou a Livraria da Prebenda, Vizeu, Junho de 1843. (a) Barão de Prime*». Sabe-se que o Cód. pertenceu depois ao Visconde e 1.º Conde de Azevedo, erudito bibliógrafo, que finalmente o legou à B. P. M. do Pôrto.

Diogo Estêves da Veiga e Nápoles, da baronia de seu apelido, fidalgo da Casa Real, Senhor da Honra de Nandufe na Comarca de Vizeu, etc., nasceu em Lisboa a 2 de Julho de 1551 e faleceu em 1635 (Cfr. D. António Caetano de Sousa, *Historia Genealogica*, etc., I, *Apparato*, pág. LXXVIII, n.º 62). O *Nobiliario de Familias deste Reyno*, que D. Ant. C. de Sousa diz ter sido composto por Veiga e Nápoles, existe (como refere E. C. de C. de Azevedo Soares, in *Bibliog. Nobil. Portug.* I, pág. 113-114) na Bib. P. Mun. do Pôrto, onde tem o n.º 845, e em cuja guarda se lê — «*Este livro*

sobre as glosas portuguesas à célebre poesia de Jorge Manrique — *Recuerde el alma dormida*, a erudita Professora transcreveu do Códice acima referido o *Pranto sobre a cidade de Lisboa* (que é uma paródia daquela formosa composição poética) dizendo: — «Escrita no tempo das mudanças — depois do infausto dia de Alcácer-Quebir, talvez quando o agonizante coroado não tinha exalado o último alento, já nomeados os governadores — a vigorosa apóstrofe à cidade de Lisboa é um dos primeiros desabafos que o desespero arrancou, de 1580 por diante, aos Nacionalistas não seduzidos, que reconhecendo a perversão moral e a decadência da antiga energia e virtude portuguesa, procuravam retemperar o carácter do povo, instigando-o a sacudir o jugo estrangeiro» (1).

E numa nota, a insigne Mestra afirmava que o Ms. 609, além de documentos já publicados e do maior interesse, como a *Carta a um Abade da Beira e Relação da expedição de Alcácer-Quebir*, continha «muitos e bem curiosos escriptos em prosa e verso daquela época que merecem ser conhecidos: *Avisos, Lembranças, Satyras, Sermões, Cartas, Fallas, Trovas, Sentenças, Conselhos, Prophecias*» (2).

Ora é curioso observar que, de toda essa vasta literatura, só uns *Avisos que se fizeram ao pouo de Portugal o anno de 1579* pleiteiam a favor da solução castelhanista: — «*Se conciderassem os homens que tem o pouo a seu cargo quão estreita conta hão de dar delle ao Senhor e quão temiuel he o seu juizo: por uentura que com mais concideração tratarião do bem commum e da quietação da terra [...] Cada hum trata que sera rey o que lhe mais apras e de que lhe parece que tirara mayor interesse; cumpre ao pouo olhar por sy e por tanto ao pouo fallo e aos que tem sua voz em seu nome*».

Independentemente dos fundamentos legitimistas, os *Avisos* usam a linguagem aconselhada pela prudência, e pelo sentimento da impossibilidade material de lutar vitoriosamente contra Castela: «*quando a justiça estiver do vosso lado pelear poucos contra muitos. Porem poucos contra muitos e contra a justiça não tenteis a Deus*».

Enumeram-se os diversos candidatos que «*são chamados a esta pretensão*», para mostrar sucessivamente que nenhum deles tem tantos direitos como Filipe II de Castela — «*o parente mais velho e mais chegado varão*» do rei Desejado. Nega-se que este reino seja de eleição — «*engano diabolico*» com que se pretendia amotinar o povo; nega-se que seja desonra aceitar como rei a Filipe — «*não podets ter por injuria o que vem por successão legitima*»; nega-se que sejam de esperar opressões da parte dos castelhanos, antes se afirma que advirão proveitos para as «*fazendas*» e «*conservação do que temos*». E por fim ergue-se perante a imaginação pávida dos

he original dos Nobiliários de Diogo Esteves da Velga e da sua propria letra, e logo a seguir mas por outra pena e tinta — «*foy escripto no anno de 1625 como da pag. 712 se vê (a) Frelre*».

A letra d'esse Cod. e a daquele a que nos referimos em primeiro lugar são diferentes, o que poderá explicar-se por serem possivelmente de épocas diversas. Mas se a mão que os subcreveu não foi a mesma, parece que se deve tomar como autógrafa aquêl códice a respeito do qual temos o testemunho do filho do autor, ou seja o Ms. 609 (ou 63 do Fundo Azevedo).

(1) *Revue Hisp.*, VI an., 1899, p. 153-154.

(2) *Ib.* p. 154, nota 1.

UM BRADO NACIONALISTA

portuguêses o espectro da guerra: — «*como podereis resistir a hum Monarca do mundo estando à porta, onde todos os seus o podem acompanhar e servir?*» Acaba-se logicamente por aconselhar a que se peça a D. Henrique nomeie sucessor a El-Rei de Castela (1).

Não conheço na íntegra a *Carta ao Reino de Portugal* atribuída a D. Jerónimo Osório. Mas bastam o resumo que desse documento nos dá o Sr. Dr. Alfredo Pimenta nos seus *Elementos da História de Portugal* (2) e as transcrições que se encontram no trabalho do Sr. Dr. Hipólito Raposo — *Direito e Doutores na Sucessão Filipina* (3), para se poder afirmar que *Avisos* e *Carta* são uma e a mesma coisa, se bem que os *Avisos* estejam em língua portuguesa e as transcrições que dessa *Carta* nos citados trabalhos se encontram sejam em língua castelhana.

Pela voz do autor dessa *Carta* ou *Avisos*, quemquer que êle fosse (4), falavam com base num critério que sob o ponto de vista «puramente jurídico» era inatacável (5) — a prudência que é... da côr do medo, e sem dúvida o interesse egoísta e imediato.

Mas êsse modo de pensar, certamente ditado, senão nessa *Carta*, nos escritos indiscutíveis do Bispo de Silves e em algumas outras personalidades de análogo e íntegro carácter, unicamente pela consciência, não convenceram aquêles portugueses, — poucos ou muitos — em cujos corações o amor exaltado e cego da Independência era mais forte que todos os temores, que tôdas as ameaças, que todos os perigos e sacrificios, que todo o respeito pela legitimidade dum soberano, quando êste não fôsse português.

Justamente no Cód. 609 se encontra uma resposta vibrante e patriótica à *Carta* atribuída a D. Jerónimo Osório: — «*Carta que foy deitada na arca em Santo Antonio desta cidade de Lix.^a (no tempo q se faziaõ as cortes onde cada hum deitavaõ seu parecer) por respeito de se auer deitado outra em que se diziaõ mil cousas de Sua S. C. R. M., a qual vai a folhas 77 na volta*» (6).

(1) Ms. 609, fls. 77 v.º, 86 v.º.

(2) Lisboa 1934, p. 297-299.

(3) *Brotéria*, vol. XXVI, pág. 150-151.

(4) Hipólito Raposo, no trabalho citado, sustenta a opinião de que a referida *Carta* não é da autoria de D. Jerónimo Osório. Não estudámos profundamente o assunto; pelas transcrições que os trabalhos mencionados nos dão dessa *Carta* e por outros trechos que nos foram obsequiosamente comunicados pelo Sr. Dr. Alfredo Pimenta, podemos apenas dizer, sem tirar conclusões, que a versão castelhana está deturpada em vários pontos. Por ex.: onde esta diz — «*Queda lo legitimo entre el Rey Catholico y la señora D. Chatalina, en que tan poco hay que ver*» diz a portuguesa — «*Fica o litigio*» etc. «*em que tambem pouco ha que ver*». Onde a v. castelhana dá — «*no menos conveniente de ser varon de su derecho que ser la misma hembra*», lê-se na v. portuguesa — «*porque menos inconveniente he ser macho descendente de femêa que ser a mesma femêa*». Na v. castelhana — «*Gente somos y por tal no tenemos de qualquer Principe que nos señoree nos haza honrras y mercêdes*», na v. portuguesa — «*Gente somos e partes temos que qualquer principe que nos senhorear nos fará honrras*».

(5) A. Pimenta, ib. p. 299.

(6) Fls. 92-99 v.º

REVISTA DE GUIMARÃES

Endereçada «*ao muito alto e serenissimo Rey destes reynos e a Vós, do seu Conselho, e Vereadores desta cidade*», tóda ella é uma apóstrofe candente contra os vendilhões da Pátria, contra os que por «*Interesse de maiores mandos*» não sabiam cumprir o seu dever, e desonravam «*para sempre*» o sangue e a estirpe de que procediam. Escolhesse-se príncipe português — «*hum de dous que no reino Deus nos deixou*» (1). E se não puder ser: — «*Ó sigamos o exemplo de Numancia com Scipião Africano, e quererá Deus darnos a ulctoria, que não negou a nossos auos*» (2)!



Não podemos ocupar-nos aqui de todos os documentos desta mesma índole que se encontram no Cód. 609; mas vamos reproduzir um dos mais interessantes, e no qual se encontram sumariados certamente muitos dos argumentos que os patriotas então aduziriam! Não dizendo quem devia ser o sucessor do Cardial Rei D. Henrique, o autor das *Lembranças de Portugal a seu povo* (3) afirmava apenas que um dos maiores castigos que Deus poderia mandar a qualquer nação livre era o domínio de gente estranha. «*Razões temporais*» na escolha do futuro rei não deverlam ser as que decidissem: — «*o princípio de saber acertar é temor de Deus [...] e logo após isto reger mais pelo que a experiência tem ensinado que por razões temporais aparentes*».

Parece-nos que merece ser divulgado este documento notável e digno de ser meditado pelos Portuguezes de todos os tempos!

As *Lembranças de Portugal a seu povo* soam ainda hoje como um clarim estridente que pretendesse despertar os brios dos Portuguezes maus ou pusilânimes. Constituíram no seu tempo uma lição oportuna de história pátria e um brado vibrante de fé nacionalista!

Portugal lembrava ao seu povo que sempre o Céu protegera os Portuguezes e que os protegeria mais uma vez, se elles se quisessem unir; lembrava os feitos épicos dos seus maiores, que nunca haviam deixado vacilar a independência nacional; procurava fazer crer que o poderlo de Castela não era aquêlê que os interesseiros ou os medrosos imaginavam; e finalmente, invocando razões de interesse e de sentimento, afirmava que *a liberdade é o melhor da vida*—e que muito melhor e mais honrado seria morrer pelejando pela terra que nos foi berço, que conservar *a vida com sujeição infame!*

No negrume daquela hora trágica de *apagada e vil tristeza* este anónimo e curioso manifesto foi assim, e sobretudo, um clarão da chama sacrossanta que tem o nome de *Amor da Pátria*.

(1) Fls. 98.

(2) Ib. fls. 99.

(3) Ib. fls. 123. Não tem indicação de autor.

UM BRADO NACIONALISTA

LEMBRANÇAS DE PORTUGAL A SEU POVO

Reçoso dos tormentos em que estou e dos piores a que não querla vir, vos faço estas lembranças meu povo. O principio de saber acertar he temor de Deus, sem odio, affeição, nem interesse, e logo após isto reger mais pelo que a experiencia tem ensinado que por rezões temporaes apparentes.

Lembro uos que me não tireis a quem me der a justiça: porque pellejar sem ella contra Deus ainda que alguma vez prevalecesse foi para mores dannos.

Lembro uos hum zello grande de união e conformidade tratando todos do bem commum, que por aqui fica mais seguro o particular de cada hum.

Lembre uos que fujaís particularidades e bandos, de que o fruto são guerras ciueis, ruina geral de todos.

Lembre uos que neste tempo vos não tirem pontos, paixões nem promessas daquelle direito caminho que se requiere para chegar ao fim que a rezaõ mostrar que se deue pretender.

Lembre uos que se por falecimento deste meu bom Rey dom Anrique fico em termos que com justiça me possais dar, este a quem me derdes me mereça.

Lembre uos que sendo Deus summo sabedor de tudo hum dos mayores ameaços que fas a reinos que o offendem he que os passara a gente estranha.

Lembre uos que se com boa consciencia me podeis defender e conseruar a liberdade que o façais, que esta he a melhor justiça e o que mais cumpre.

Lembre uos que para me defenderdes vos não lembrem impossibilidades nem medos: porque como não tiuerdes o Senhor contra vos, o poder dos homens mais pende delle que delles. Confiai em sua bondade, e lembre vos uictorias passadas tam fora da rezaõ humana; e porque de Castella que será tam vezinha me deuo reçar com mais rezaõ vos direi as que ha para aguora melhor que nunca me poderdes defender.

Lembre uos o tempo de dom Fernando meu Rey, e rogouos muito que vejais o que delle anda scripto, e vereis quam acanhados andaeis então e quam para pouco, vencidos tantas vezes, e com tanta vergonha vossa. Braga queimada, Lisboa assollada, e eu penetrado de imigos com tanta affronta e ignominia que chegarão meus natu-

REVISTA DE GUIMARÃES

rais a não poderem andar por meus caminhos atee em tempo de pax sem saluo conducto de gente estranha.

Lembre uos que neste mesmo tempo estaua Castella chea de armas, capitães e gente valerosa costumada a vencer, exercitada por dom Anrique príncepe tam valeroso e exercitado na guerra.

Lembre uos que morrendo este Rey dom Anrique ficou dom João seu filho Rey paçifico dos reinos de Castella, Leão e Galiza que por sua vontade lhe obedeção sem violencia nenhuma cheos da gente que digo, contra quem no mesmo tempo não tinheis mãos nem olhos.

Lembre uos que não tendo elrey dom Fernando mais filhos que dona Britiz, a casou com elrey dom João de castella e que lhe jurastes obediencia, e vassallajem conforme aos contrattos.

Lembre uos que por morte delrey dom Fernando querendosse fazer Senhor de mym elrey dom João seu genrõ contra o que estaua assentado, se leuanteu o pouo de Lisboa tomando por gouernador e defensor dom João mestre Dauis pretendendo conseruar liberdade estando vos tam pusilanimos naquelle tempo que mais trabalho teue dom Nuno Aluarez Pereira em vos fazer pelejar do que depois tiuestes em vencer.

Lembre uos que todo este pouo com o do Porto, e Evora e outros muitos pouos, tendo eu contra mym os mais e todos meus mayores que me querião chegar a Castella com suas pretenções com o juramento que tinhão feito, me fes Deus mercê de me ajudar, dando me tantas victorias, as quais se arrematarão com a de Aljubarrota, em que só os seis mil e tantos de vos vencerão com grande estrago trinta e tantos mil de vossos imigos, em que entrarão ajudas de França e a mayor parte de meus principais tam exercitada e valerosa como disse.

Lembre uos que para o que vos disse pondereis bem estas mercês de Nosso Senhor, e quem então ereis e quem erão vossos imigos e o que socedeu, e que o mesmo Deus que então tinheis tendes aguora, e que nunca faltou nem faltara com outro dom Nuno Aluarez se vos quiserdes unir tratando do bem commum por o estado em que presentemente estão as cousas que vos lembrei.

Lembro uos que para a guerra não como naquelles tempos, tam fracos de armas e sendo tam poucos, mas antes pelo contrario, se vos quiserdes, em tudo Intelros vos achareis, e a respeito do commum de Castella com muitas mais armas, e muito mais exercicio dellas pois ha dez annos que o tendes nas vossas ordenanças com quinze ou vinte mil arcabuzeiros que com o uzo deste tempo me tem tam diffe-

UM BRADO NACIONALISTA

rente de Castella que não auendo oje em toda ella bandeiras, nem arcabuzes nem quem os saiba tirar, em mym não ha aldea em que faltem mea duzia delles.

Lembre uos que os seus soldados velhos e gente de guarnição com quem vos metem medo se os ha que são somente alguns das guarnições dos estados de Italia, e Flandres e que se os de laa tirarem contra mym que ao outro dia os perderão de todo e por vos julgai se arriscareis o certo por o tam duuidoso por mais que o duuidoso fora, sendo alem disto a minha terra por sua natureza mais aparelhada a defensão.

Lembre uos que tambem Castella não está neste tempo como naquelles, que estavam soo aquelles tres reinos unidos e juntos sem terem estados apartados que lhe cumprisse sustentar; e que aguora alem de Aragão Nauarra (que inda tem Rey) tem Sicilia e as mais ilhas, Napoles, Milan, Flandres, Neder (?) landa e as mais.

Lembro uos que todos estes reinos e estados, que lhe ajuntarão, que os assombrão muito mais e enfraquecem do que ajudão; porque estarem tam appartados huns dos outros se gasta mais de os sustentar do que rendem, e por experencia se vê quanto mais se tira de Castella para elles que delles para Castella.

Lembre uos que todos estes estados estão tam opprimidos & escandalizados desta gente que nenhuma cousa dezejão como occasião que lhes dê modo a deitarem de sy jugo tam insofriuel e assy he isto que se diz que antes querem ser gouernados por turcos que por Castelhanos.

Lembre uos que podem estes estados fora de sy tam pouquo que quando Cicilia, Napoles e os mais maritimos se poderem defender do turquo e suas armadas cujas fronteiras são, terão bem que fazer e boas mostras derão disto os cerquos de Malta e Goleta o Socorro que se lhe deu, que a Malta com ser tam importante ajudandosse o de qua com o de laa foy socorrida como se vio, e a Goleta lhe tomarão sem lhe poderem socorrer estando ambas tam perto.

Lembre uos quam facil foj ao príncipe de Orange aleuantarse com os estados de Olanda e Zelanda, de que era corregedor, e flandres tomallo a elle por defensor e leuantarse sem nisto attee oje se dar remedio nem parece que o auera tam cedo, porque ha aquella gente por mais tolerauel aos trabalhos da guerra que os descansos de paz em tal sogeição. Ora vede se por estes respeitos os sogeitos se levantão, que rezão auera para se sogeitarem os liures.

Lembre uos que quando vos disserem que he isto assy por quam longe e desfavorecidos são aquelles estados, quantos trabalhos derão ontem no coração de Castella os Mourós de Granada sem Rey nem cabeça, e quão maos forão de desfazer.

REVISTA DE GUIMARÃES

Lembre uos que a guerra que se tiuer comigo ha de alterar estes reinos e estados começando de Aragão attee todos os outros, e a força dezonida he como parede ençoça que com huma soo pedra que se bole se desfaz toda e mais estando todos tam promptos a procurar liberdade para que abastara qualquer exemplo.

Lembre uos que como esta gente seja de condição e natureza soberba e arrogante, que França, Inglaterra e toda Italia hão de fauorecer quanto nellas for, por não se fazer senhor de mym, pelo que lhes vay que he tanto como a vos mesmo. De Africa não trato porque menos poderoso estaua o meu bom Rey dom João o primeiro quando engeitou esta gente ajuda delrey de granada, por ser de mouros, confiado mais na de Deus que lhe não faltou.

Lembre uos que alem destas rezões preguntets e queirais saber da gente destes estados sogeitos como são tratados e regidos, e se vos disserem que com modo insofriuel vede quanto vos cumpre estando eu liure conservar-me assy: porque plor tratamento sem comparação ha de ser o vosso do que estoutras nações que são uencidas e debelladas por elles e não tem de que se vingar e de nos tem ainda fresco o queixume da morte de seus avoos e pede lhes esta lembrança vingarem-se, o que está certo fazerem tendouos em sogeição como terá experimentado quem já andou entre elles.

Lembre uos o tempo delrey dom Afonso o quinto nas guerras que teue com esta gente quam perto esteue de ser senhor della se tiuera conselho e ainda assy na batalha de Crasto queimado sendo tam desigual ficou o campo por vós e com ficarmos tam mall desta guerra se ouue elrey dom Fernando por bem liurado com o deixar. Mas lembre uos que depois deste Rey dom Fernando ser monarca quando procurou quebrar as pazes comigo no aperto em que o pôz o meu bom Rey dom João o 2.º e lembre uos o conselho que neste caso lhe deu a Senhora dona Britis sua tia que vos peço que vejais para que se corrao com o parecer dessa molher alguns portuguezes que cuidão que são homens.

Lembre uos de quanta gente me tem Deus liurado de ajuntamento e sogeição desta gente, em que de todo estive entregue e misturado sem a juizo humano poder parecer que tinha remedio; pois se este Senhor então me liurou por sua bondade, estando eu aguora mais para isso que nunca, quem vos diz que não sera aguora o mesmo para me não procurardes aguora liberdade que he o melhor da vida.

Lembre uos que quando elrey dom Joao de Castella veyo a segunda vez contra mym, que mandou a Camara de Lisboa chamar theologos para saber delles que auia em mym que fosse digno de emmenda ou que farião para terem a Deus propiçio e sabendo o fizerão, e feito socedeo o que aguora socedera se vos fizerdes o mesmo e quizerdes levar em tudo este Senhor diante.

UM BRADO NACIONALISTA

Lembre uos que a perda aguora de Africa me não dimnuyo nada para tudo o que for neçessario, porque bem vedes que tirado meu Rey não me ficarão laa mais que os cabelos da cabeça e as unhas dos pees e que o mais corpo me ficou inteiro e são e he o que sempre pelejou, de que fora boa testemunha o meu bom Rey dom João o segundo.

Lembro uos que meus mayores vos não ceguem por tenções para deixardes de fazer comigo o que sois obrigados enganando uos com ellas e com vossos intentos, que como são fora do que deuem pagão como pagarão aos que cuidauão que se ganhauão nos tempos do meu bom Rey dom João o primeiro e nos da guerra delrey dom Sebastião meu Senhor.

Lembro uos e rogo uos muito que vos gouerneis pelo que a experiencia tem ensinado como vos ja disse, e não por rezões temporaes e apparentes, que sempre são interessadas e sospeitasas e por isto falsas e enganosas.

Lembro uos o bom tratamento em que vos tratarão sempre os meus Reys, e a ueneração com que sois respeitados attee de suas justiças tam longe e tam differente do que se usa com Castella, e que se me mesturardes com ella cahireis em hum pego onde vos sumtreis sem sem serdes vistos nem ouuidos.

Lembre uos que vos não confieis, nem vos enganem contratos por mais seguranças e caufellas que leuem, que para conseguir tudo se promette, e depois de alcançado não faltão *dirritos* (1) que os desmanchem sem appellação nem agrauo porque não ha então para quem.

Lembre uos a todos juntamente o tento e brandura da justiça de meus Reys e a moderação da execução della, que he mais ameaço de filhos que castigo de vassallos.

Lembre uos que se me chegais a Castella a saúdade que aueis de ter deste gouerno e do Vosso Rey proprio natural que sempre vos ouuia e achauéis perto para tudo, e que para remedio dos agrauos que vos fizer o governador que poser em mym aueis de hir buscar hum Rey estranho e tam longe e por ventura tam pouquo amigo.

Lembro uos aquella openião com que me tendes estendido, sendo tam pouquos, em Africa, na India e em tantas partes, e que vos corrais se tendes honra de quererdes que aconteça em vossos tempos o que vossos avoos (aa custa de seu sangue) não quisirão que acontecesse nos seus.

(1) Ou decretos?

REVISTA DE GUIMARÃES

Lembro uos que quando os trabalhos chegarem a extremo não chegarão a mais se vos quizerdes que a morrerdes pelejando por mym que vos criel, e por vos, e por vossa liberdade, que sera muito melhor e mais honrado que vida com sogeição infame, que o desuso vos fará de todo ensofriuel vendo a mudança da justiça, direitos, pedidos e emposições e outras cousas de que zombais, que soo a experiencia ensina; e não imagineis outras bem auenturanças, por que se no vosso proprio e tam bom achais queixumes e fastio que sera no alheo e tam differente.

Lembre uos algumas limas surdas que dizem que antre vos andão, e quam doces são promessas e dadiuas e quam facil crer cada hum o que dezeja e que ha negocios em que se não hão de ouuir rezõis que nunca faltarão attee contra Deus e sua fee.

Lembro uos que soo por respeito da mesma fee não cumpre ajuntar me com Castella, porque permittindo os pecados como permittirão em Alemanha, Inglaterra e França que venhão auer em Espanha as heresias que ha naquellas partes se toda for de huma cabeça esta qual não deue, onde se acolherão os chatollicos a quem Deus fizer mercê de conseruar na fee, pois vemos os trabalhos que os daquelles reinos padecerão e padecem, em particular vede Inglaterra, por lhes faltar este remedio, e já a experiencia o comecou a mostrar em certo modo antre nos no tempo del rey dom João 1.^o que sendo chatollico era então o de Castella do mesmo nome scismatico.

Não sei que mais vos lembre senão que socedendo caso por que seja necessario conselho que o não tomeis de vossas affeições, odios, nem interesses, nem de pessoas toccadas destas paixões, senão de Deus de quem elle manda que na terra confieis vossas almas para que indo por este caminho digais no fim delle (prope est dominus omnibus inuocantibus eum in verjtate) e elle volla mostre em tudo para que não sayais de sua vontade em nada. Amen

FINIS

Veja-se o cap.^o 17 do Deuteronomio (1).

Assim rezavam as *Lembranças de Portugal a seu povo*; mas o povo, infelizmente, não quis ou não pôde atender a essas Lembranças...

(1) Ms. cit. fis. 123-129.